

Os Ratos, de Dyonélio Machado: A personagem nos labirintos do dinheiro e do tempo.

Os Ratos, by Dyonélio Machado: The character in the labyrinths of money and time.

Kátia Cilene Silva Santos Conceição¹

Resumo: O trabalho visa analisar o romance *Os Ratos*, de Dyonélio Machado. O objetivo consiste em estudar o desenvolvimento da personagem protagonista, Naziazeno, suas peripécias ao longo da narrativa para saldar sua dívida com o leiteiro, bem como sua relação com outras personagens do romance em questão e o que ela revela sobre o momento em que está inserida no mundo narrado.

Palavras-chave: Personagem, dinheiro, tempo, sociedade.

Abstract: This work aims to analyze the novel “Os Ratos”, by Dyonélio Machado. The objective is to study the development of the main character, Naziazeno, his adventures throughout the narrative to pay his debt to the milkman, as well as his relationship with other characters in the novel and what he reveals about the moment in which he is inserted in the narrated world.

Keywords: Character; money, time, society.

Enquanto ponto de vista, enquanto concepção de mundo e de si mesma a personagem requer métodos absolutamente específicos de revelação e caracterização artística. Isto porque o que deve ser revelado e caracterizado não é o ser determinado da personagem, não é a sua imagem rígida mas o *resultado definitivo de sua consciência e autoconsciência*, em suma, a última palavra da personagem sobre si mesma e sobre seu mundo. (BAKHTIN, 2008, p. 53).

Dyonélio Machado é caracterizado por Alfredo Bosi como um dos autores de invulgar penetração psicológica que têm escavado os conflitos do homem em sociedade, cobrindo com seus contos e romances-de-personagem a gama de sentimentos que a vida moderna suscita no âmago da pessoa. (BOSI, 1994, p. 338). Bosi destaca ainda que Dyonélio é um dos responsáveis por manter viva a ficção intimista que já dera mostras de peso nos anos 30 e 40.

¹ Professora efetiva e coordenadora do Colegiado de Letras no Instituto Federal do Paraná – Câmpus Palmas. Doutora em Literatura pela Universidade Federal Fluminense - RJ (2013).

Sobre o Romance de 30, cabe ressaltar, o elo entre a obra *Os Ratos* e esse período conhecido como “a era do romance brasileiro”. Os acontecimentos que abalaram a vida brasileira na década de 30 transformaram profundamente também a maneira de representação ficcional. Assim, como observa Bosi, para conseguir dar um sentido aos seus enredos e às suas personagens, sem perder de vista também as interpretações da “vida e da História”, era necessário encontrar um novo estilo que superasse aquele velho “modelo ingênuo” de concepção mimética de arte. Surgem daí, várias tendências para o romance.

A obra de Dyonélio Machado, segundo Bosi, pode ser incluída na narrativa intimista derivadas destas reflexões sobre a sociedade que se formava. Neste sentido, “Dyonélio Machado, gaúcho, fez em *Os Ratos* (1936) uma reconstrução miúda e obsedante da vida da pequena classe média ralada pelas agruras do cotidiano.” Dyonélio representa em *Os Ratos* a obsessão do encarceramento, a angústia do ser humano preso à condição urbana e sob o regime do terror, qualquer que seja o tempo histórico que lhe tenha sido dado a viver.” (BOSI, op.cit, p. 419)

A narrativa se passa em vinte quatro horas, se pensarmos no tempo cronológico do texto. Todavia, o tempo da narração vai além, uma vez que, através de estratégias e técnicas narrativas podemos adentrar na vida da personagem e saber bem mais do que aquele seu cotidiano em destaque. No trajeto, passamos por sua infância e outras situações vividas pela personagem, nos inteiramos dos vários aspectos de sua vida e de como chegara até aquele ponto crítico.

O romance encontra-se dividido em 28 capítulos curtos. Neles podemos observar outra divisão que vai do momento em que a personagem Naziazeno sai de casa – e finalmente obtém o dinheiro para pagar sua dívida com o leiteiro – e um outro momento, quando a narrativa dá um salto temporal, omitindo detalhes do retorno de Naziazeno a sua casa no final do seu dia.

Os detalhes da narrativa são apresentados em forma de lembranças, digressões ou “flashback”, quando Naziazeno, aflito por achar que havia perdido parte do dinheiro, ou gasto mais do que devia, começa a refazer mentalmente seu trajeto de volta para casa. Esse “flashback”, todavia, não é linear e também é interrompido diversas vezes por entrecruzamentos do momento em que a personagem se encontra em casa e os momentos que antecederam sua chegada.

O corte temporal, isto é, a interrupção na cronologia da narração torna o texto mais denso e mais intimista. Embora, desde seu início já tenha sido introduzida uma espécie de monólogo interior da personagem, é a partir do capítulo 20 que as suas abstrações e

angústias, bem como seus sentidos, se ampliam e passam a dominar na narrativa, mesclando “realidade” e imaginação.

Introduzindo esse estilo de narrar em *Os Ratos*, Dyonélio Machado dá destaque a uma forma peculiar de narrar. Com seu estilo, Dyonélio Machado consegue retratar o cotidiano de um homem simples, representante da classe média baixa de uma sociedade urbana em transformação, de forma original e artística, transformando-o em motivo literário sem cair na banalização e no pitoresco, como geralmente acontece com obras de cunho sociológico em que primam tão somente o relato e o documental. O autor de *Os Ratos*, ainda consegue, de maneira original, retratar a personagem Naziazeno à luz da crítica à existência alienada do homem e sua deformação frente aos principais elementos do capitalismo e às transformações ocorridas na sociedade decorrentes deles: o dinheiro e o tempo.

Percebemos, em *Os Ratos*, que a relação da personagem Naziazeno com as outras personagens do Romance revela muito mais dela do que as suas próprias características apontadas pelo narrador enquanto homem pertencente a uma determinada classe social. A constituição de Naziazeno fundamenta-se na forma como se reflete no olhar do outro. Em relação a isso, é possível destacar que Naziazeno constantemente se compara aos outros e mostra todo seu descontentamento com sua própria imagem. Há várias passagens no texto, que o identificam como excluído: “Ainda não dormiu! Só ele! Só ele sem dormir... Vem-lhe então o sentimento de “exceção”, sentimento estranho que, ao mesmo tempo que o apavora, o humilha...” (DYONÉLIO, 1992, p. 127).

A necessidade da aprovação dos outros sobre os seus atos é tão marcante que determina o comportamento de Naziazeno em relação à sua mulher, amigos e vizinhos. Isso denota sua interminável preocupação em se enquadrar num perfil inquestionável, que não desperte nenhum sentimento, seja de piedade, seja de descontentamento ou ainda de julgamento quanto aos seus atos. Naziazeno parece muitas vezes desejar ser invisível diante das possibilidades de questionamento que sua figura patética suscita no meio em que vive. Talvez por isso, desde o início da narrativa Naziazeno mostra a preocupação em ser discreto e não atrair para si os maus olhares dos outros, preocupação que principia com a própria família.

Ele precisava dum ser forte a seu lado. Toda a sua decisão se dilui quando vê junto de si, como nessa manhã, a mulher atarantar-se, perder-se, empalidecer. É o primeiro julgamento que ele recebe; a

primeira censura aos seus atos, os quais começam, pois, por lhe parecerem irregulares, ilícitos. (Op. Cit. p. 18)

Desta forma, nota-se que a visão que o narrador nos dá da personagem Naziazeno sobre si é elaborada a partir do que o outro pensa dele, se refletindo, por conseguinte, no olhar dos amigos, colegas de trabalho e vizinhos. Por isso ele está sempre antecipando o que podem pensar de suas atitudes e tenta não alimentar uma opinião negativa a seu respeito, como as que ele mesmo tem de si.

Naziazeno, num esforço em ser o que não é, revela sua verdadeira face na maneira de reagir às pressões de seu cotidiano. Nas suas reflexões, deixa claro que gostaria de ter outra atitude frente às adversidades de seu dia-a-dia e, portanto, revela nessa sua reflexão quem realmente é. Interessante observar também, a estratégia escolhida pelo autor, com um narrador que não faz parte do mundo narrado, mas que atua como a mente de Naziazeno e que por isso pode ao mesmo tempo desvelar a consciência da personagem, mas não emitir um juízo de valor sobre suas fraquezas, medos e hesitações.

Novamente, vale destacar que Naziazeno sofre de uma interminável necessidade de aprovação daqueles com quem convive para se convencer de que é capaz de resolver seus problemas. É o que demonstra quando vai por conta própria ao banco investigar as informações recebidas do Andrade sobre o dinheiro que ele devia a Alcides: “sente que é uma violência ao seu temperamento” pacato e passivo, mas, que devido às circunstâncias, “está aprendendo a ser despachado, dinâmico. Alcides irá aprovar” (Op. Cit, p.52).

A aprovação de seus atos torna-se fundamental para que ele possa se sentir incluído naquele cenário não apenas como o que destoa por estar sempre em dificuldades. É nesse espelhamento que Naziazeno consegue superar sua sensação de solidão “Longe do bonde (que é um prolongamento do bairro e da casa) não tem mais a “morrinha” *daquelas*” idéias... Naquele ambiente comercial e de bolsa do mercado, quantos lutadores como ele!... Sente-se em companhia, membro lícito de uma legião natural.” (Op. Cit P. 20)

Naziazeno tem um extremo pudor e preocupação com a imagem que farão dele e por isso é meticoloso em suas ações. Além disso, não quer se tornar inconveniente ou parecer trapaceiro, embora cogite em algumas situações em que tem a oportunidade de economizar uns níqueis. Porém, novamente o medo da humilhação e exposição se

contrapõe às suas ações e o desânimo se apodera dele, deixando-o cada vez mais pessimista ao perceber que não se enquadra naquele tipo que a sociedade exige.

Seu pessimismo dá-se por viver situações rotineiras, que o empurram cada vez mais para um beco sem saída, como se suas opções estivessem se esgotando.

Cinco, dez, quinze minutos mais e se acaba essa preocupação torturante. Ele tem experimentado muitas vezes essa mudança brusca de sensações: a volta à vida do filho, quando esperava a sua morte... E outras. (Op. Cit. p. 24)

A constatação desta falta de perspectiva minam as forças de Naziazeno. O dilema do ter se sobrepôr ao ser, o consome, pois ele sabe que deveriam confiar em sua honestidade, por outro lado entende se desconfiam dele por não poder oferecer nenhuma garantia de que poderá pagar um possível empréstimo para quitar sua dívida com o leiteiro. Não obstante, o que o atormenta mais ainda é a resistência daqueles que realmente têm em suas mãos a possibilidade de ajudá-lo e não o fazem (O diretor, Mondina e o fornecedor). Sabe que eles possuem o que ele precisa, mas não podem (querem) ajudar.

Nas reflexões da personagem, fica claro o questionamento sobre os rumos que a sociedade onde está inserido está tomando. Naziazeno percebe que não há solidariedade e que está só. Assim, seu contraponto é questionar o tempo todo: eles dizem que entendem o seu problema, mas ao mesmo tempo se pergunta: entendem mesmo? Será que compartilham de suas angústias diárias? O que para ele é um tormento contínuo, para aqueles que negam ajuda com certeza é banalidade.

Assim, acompanhamos na narrativa a representação de uma sociedade desigual, com valores ambíguos. Como se sente perdido no meio destes valores, Naziazeno questiona inclusive a validade de seu empenho diário e contrasta sua vida urbana com a interiorana, que não dependia da prisão do dinheiro: É o caso da cena do homem no bonde e o dono do *brique* que parecem possuir aquilo de que necessitam, o suficiente para viverem bem e satisfeitos.

Naziazeno questiona também a honestidade dos amigos Duque e Alcides, pois não sabe realmente se os conhece. Além disso, quando o narrador relata a aparência deles e suas atitudes coloca em dúvida o verdadeiro caráter deles em contraste aos seus reais interesses em auxiliar Naziazeno na solução de seu problema.

O que leva Naziazeno a não se entregar ao fracasso por completo e se manter motivado é a própria família, célula máter que deve ser preservada, com quem ele não pode falhar. Por ela precisa ser eficaz e cumprir seu papel de bom marido e bom pai, por isso continua lutando todos os dias, embora pareça abatido pelo cotidiano que o arrasta para a luta desigual. Porém, na sua luta diária, Naziazeno compreende que o dinheiro rege as ações de todos, revelando que o poder está no fator monetário, nas relações movidas pelo capital, às quais se encontra atado e dependente.

Esta situação pode ser ilustrada por diversas passagens na narrativa, como, por exemplo, quando “recorreu a uma firma, firma fornecedora. Entrou na casa, atemorizado. O sujeito – o negociante – uma cara de gelo e uns olhos fixos, recebeu-o de pé na frente, junto ao balcão. Depois, mandou pagar-lhe na caixa, mediante um vale. – E este vale ainda não foi levantar...” (p. 60) A passagem ilustra que o respeito só é concedido àqueles que possuem dinheiro e conseguem gerir suas finanças. Por isso, de certa forma, admira e inveja seus vizinhos que têm uma boa relação com seus fornecedores. No caso deles, o leiteiro não desmoraliza suas famílias, enquanto ele só consegue o respeito dos credores momentaneamente, ao final das 24 horas, quando finalmente concretiza o pagamento da dívida, mas recomeçando tudo no dia seguinte.

Assim, por traz das atitudes de Naziazeno e da consciência que ele tem destes princípios, isto é, da importância do dinheiro para a sociedade, há uma postura contraditória, pois ao mesmo tempo em que condena as extravagâncias desta sociedade, gosta delas e as quer para si. Quando se encontra com poder de compra novamente, não dispensa a possibilidade de adquirir a manteiga, o vinho, o queijo e os presentes para o filho, os excessos que tanto critica quando inicia seu dia de caça ao dinheiro. Nesta sua atitude, entende-se que ele gostaria também de usufruir dos benefícios do dinheiro, até como forma de compensação pelo seu dia de escassez.

A crise de Naziazeno se agrava ao tentar dormir após o longo dia de busca pela solução do seu problema. A insônia seria, então, a melhor forma de representar o desassossego de Naziazeno e o prolongamento de seu dilema, que mesmo tendo conseguido o dinheiro para saldar sua dívida daquele dia, não consegue relaxar. Ele está sempre rodeado pela sensação de algo ruim, inevitável e irremediável, revelados no seu delírio. A sensação de perda total do controle da situação, representado pelos ratos a roerem o dinheiro conquistado com tanto sacrifício aquele dia, são os indícios de que o problema não foi solucionado ali, mas é diário: “Ele vê os ratos em cima da mesa, tirando de cada lado do dinheiro – da presa! – roendo-o arrastando-o para longe dali, para a toca, às migalhas!... (Op. Cit. p. 138)

Observamos, portanto que toda a narrativa, *Os Ratos*, é uma construção do conflito das contradições geradas por uma sociedade que cobra ao homem o que ele não pode ser. O sentido de opressão está presente em cada detalhe da narração: no cenário da cidade que oprime e cansa; na areia da praia, no sol, no frio, no vento, nas luzes refletidas nas vitrines, nos carros, no bonde, nas pessoas nas ruas, nos conhecidos e desconhecidos, que parecem julgar cada ato seu. Os eventos, os diálogos dos outros sempre levam Naziazeno a lembrar de algo referente a sua vida, o que poderia ser e que não é, atestando sua incompetência e fracasso para lidar com suas dificuldades.

Contudo, não temos uma resposta textual que possa afirmar se Naziazeno é um fraco. Por suas digressões, podemos apenas cogitar que ele tem lutado até ali, todos os dias, sem cessar, com as armas que possui, mas que está cansado dessa rotina. Tem urgência na mudança e quer fazer algo para transformar o futuro que já conhece muito bem. Quer tomar uma atitude e busca, a todo o momento, uma solução definitiva para seus problemas financeiros, mas parece imobilizado por uma ideia de impotência. É o que se dá em diversas passagens da narrativa quando o narrador revela a preocupação de Naziazeno sobre: “O que é que vai fazer para dar uma solução definitiva à sua vida? O que é?” (Op. Cit. p. 122), pois já está cansado de soluções paliativas “O seu plano é sempre simples: o recurso amigo, a solidariedade. Quem não o compreenderia? (Op. Cit. p. 22), Idealizar outro plano? Tem uma preguiça doentia. A sua cabeça está oca e lhe dói ao mesmo tempo” (OP. Cit. p. 42), pois sabe que no dia seguinte sempre irá se deparar com outro (ou o mesmo) problema, já que sabe que toda sua rotina recomeçará. Por isso sua expressão de cansaço “E um cansaço que lhe vem pela antecipação dessas lutas futuras...” (OP. Cit. p. 125)

Dessa forma, os valores veiculados se afirmam e se excluem: o mesmo dinheiro que lhe devolve a dignidade naquele dia, irá destituí-la na manhã seguinte. Todavia, não fica explícito se para a situação de Naziazeno há culpados ou se todos são vítimas e por isso empurrados para a ambição, exploração do outro e falta de solidariedade.

Além disso, observamos que cada personagem tem sua representação duplicada. Uma imagem as coloca como responsável pelo seu momento de crise e outra como vítima das conjunturas. Por isso a constante preocupação de Naziazeno com o olhar do outro e busca por uma identificação que justifique seu problema e legitime que não é o único que padece da falta de recursos financeiros.

O título da obra revela muito do universo narrado. Os ratos que atormentam a noite de Naziazeno simbolizam sua própria vida de migalhas, de suas ações à surdina. O próprio narrador o define como um desses animais; “Naziazeno “vê-se” no meio da sala,

atônito, sozinho, olhando para os lados, pra todos aqueles fugitivos, que se esgueiram, que se somem com pés de ratos...(Op. Cit. p. 36) Além do mais, Duque e Alcides, companheiros de Naziazeno, também parecem ratos buscando sobrevivência nas migalhas dos becos labirínticos da cidade e assim como estes bichos, estarão ali todos os dias “cavando” uma solução para não serem devorados pelos predadores.

E por isso, por essa necessidade constante de encontrar soluções imediatas, Naziazeno não se enquadra na sua condição, pois fica óbvio que gostaria de não ter que depender do dinheiro, de não precisar se humilhar mais uma vez para resolver seus problemas financeiros, como podemos observar no seguinte trecho: “Ele vai amanhã mesmo – Hoje!... – procurar o “dr.” Mondina. Depois de largar o trabalho quanta coisa ele poderia ainda fazer... Um advogado precisa de ajudantes. Aquele rapaz do Dr. Otávio Conti é decerto seu ajudante.” (DYONÉLIO, p. 122)

Naziazeno sabe que se não fizer algo para reverter sua situação será derrotado e ficará à margem, como um animal asqueroso, como um rato, derivando daí seu conflito devido à sua impotência diante dos fatos. Talvez por isso também, sempre que o artifício da memória e retorno à infância é utilizado, Naziazeno revela o desejo de resgatar o mundo longe da dependência do dinheiro. Gostaria de ser o provedor da sua família, o protetor e zelar por ela e não expor a mulher e o filho. Esse desejo está posto em várias passagens da narrativa:

A “figurinha marrom” desperta outras figuras. A noite de verão, dum escuro fosforescente e sem mistério, cheia de gritos de crianças...(...) Ele quer ir até lá! Aquele canto de sarjeta tem o que ele nunca mais encontrou no seu mundo: o repouso feliz, o aconchego humano, seguro e imutável. (Op. Cit. P. 37)

É criança de novo. Dormiu a sua sesta, como a gente grande. Foi a primeira sesta *consciente*. Levantou-se no meio dum silêncio. Fazia uma claridade pálida, de crepúsculo, de madrugada. A casa aberta, vazia. Pensa que é de manhã cedo. Encontra o pai, sem casaco, indo e vindo pelo pátio. Sabe então que é o mesmo dia...(p. 66)

Está outra vez na sua infância... (Op. Cit. p. 126)

Outro elemento fundamental de revelação da personagem e sua relação com o todo narrado em *Os Ratos* e que reforça as agruras da vida moderna, diz respeito ao tempo, pois ele é decisivo para Naziazeno. A passagem do tempo está em toda parte: no

relógio da prefeitura, no sol, nas luzes da cidade, na falta de seu relógio, no início e final de expediente. Sua vida é uma constante contagem regressiva causando-lhe a inquietude e insegurança em relação à imediatez de sua sobrevivência. A dinâmica da narrativa está em função deste tempo, pois às vezes ela é veloz e em outro momento parece lenta, quase estática, é linear, mas também é desconexa.

Portanto, tempo e dinheiro andam juntos, a máxima capitalista, na medida em que em seu tempo cronometrado Naziazeno busca os meios possíveis de transações financeiras para resolver seu problema.

Vemos, nesse sentido, que o romance adota a crítica social, uma vez que denuncia a difícil vida nos centros urbanos frente às transformações rápidas e o formar-se de uma classe que já surge marginalizada e oprimida pelas condições sócio-econômicas.

Nas andanças de Naziazeno pela cidade percebemos, pela descrição feita, que parte da cidade evolui enquanto outra é sufocada. Podemos visualizar o crescimento da cidade, sua evolução enquanto muitos ficam à margem dela, da mesma forma que vemos a personagem se apequenar enquanto a cidade cresce, reforçando a formação desordenada das cidades ocasionando a trajetória angustiante de quem se desloca dentro dela e o processo penoso de urbanização para as classes menos favorecidas.

Vemos a cidade pelos olhos de Naziazeno e entramos junto com ele nos ambientes. Ao caminhamos por ela com ele, visualizamos o surgimento de um novo cenário social sem muitas opções para se escapar dele. Naziazeno é um destes representantes dos sem opções e embora pertença às classes baixas da sociedade, mostra que existem outras classes menos favorecidas abaixo dele. É o caso dos serventes Horácio, Clementino e, principalmente o velho Jacinto “curvo, com as abas do capote varrendo o chão, varrendo tudo, a trazer as pencas de escarradeiras, o ar atarantado e fantástico, e ir colocando-as nos seus lugares, sob o olhar fiscalizador e vulgar do Clementino” (DYONÉLIO, p. 22), além de outros, que poderiam passar despercebidos não fosse o olhar insistente de Naziazeno para eles.

Finalizando, o ponto de vista de Naziazeno dá conta de todas essas transformações: O novo cenário urbano que se instala; as hierarquias que se formam e, principalmente, os valores que as regem. Na introspecção da personagem captamos o sufocamento e a aniquilação da personalidade que este processo acentuou devido ao dinheiro e ao tempo, exigências mínimas para circular por estes novos espaços sociais.

Bibliografia

BOSI. Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2002.

MACHADO, Dyonélio. *Os ratos*. São Paulo. Ed. Ática, 1992.

BAKHTIN, M. “A *personagem e seu enfoque pelo autor na obra de Dostoievski*”, in Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra. Ed. Forense Universitária, 4^a ed, Rio, 2008.